



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS III  
CENTRO DE HUMANIDADES  
CURSO DE PEDAGOGIA

MARIA LUIZ DE LIMA

**BULLYING NO CONTEXTO ESCOLAR**

**GUARABIRA  
2015**

MARIA LUIZ DE LIMA

**BULLYING NO CONTEXTO ESCOLAR**

Trabalho de Conclusão de Curso da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do título de Graduada em Pedagogia.

Área de concentração: Fundamentos da Educação e Formação Docente

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Me. Rita de Cássia da Rocha Cavalcante

**GUARABIRA  
2015**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

L732b Lima, Maria Luiz de  
Bullying no contexto escolar [manuscrito] / Maria Luiz de  
Lima . - 2015.  
24 p. : il. color.

Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) -  
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2015.  
"Orientação: Rita de Cássia da Rocha Cavalcante,  
Departamento de Educação".

1. Bullying. 2. Violência. 3. Escola. I. Título.

21. ed. CDD 370

MARIA LUIZ DE LIMA

**BULLYING NO CONTEXTO ESCOLAR**

Trabalho de conclusão do Curso de Licenciatura em Pedagogia, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do título de Graduada em Pedagogia.

Linha de pesquisa: Fundamentos da Educação e Formação Docente

Aprovada em: 01/12/2015

**BANCA EXAMINADORA**

Rita de Cássia da Rocha Cavalcante  
Prof. Me. Rita de Cássia da Rocha Cavalcante (Orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Rônia Galdino da Costa  
Prof. Esp. Rônia Galdino da Costa  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Izandra Falcão Gomes  
Prof. Me. Izandra Falcão Gomes  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A Deus, pela graça da conquista alcançada, e a  
minha Mãe, pela dedicação, pelo carinho e pelo  
companheirismo. DEDICO

## AGRADECIMENTOS

A todos/as os/as meus/minhas professores (as) que, direta ou indiretamente, contribuíram para minha formação nesse processo de aprendizagem ao longo desses quatro anos;

À Professora Me. Rita Rocha Cavalcante, por todo o material que me concedeu, pelas leituras sugeridas, ao longo da orientação, e pela dedicação em aprimorar meus conhecimentos;

A minha mãe, pela presença constante ao meu lado, dando-me força do início ao fim;

A minha irmã, pelo incentivo para enfrentar os obstáculos;

A minha avó (in memoriam) que, desde o início de meus estudos, esteve presente. Apesar de ausente, ainda sinto sua presença como sempre.

A todos os funcionários da UEPB, pela presteza e pelo atendimento quando necessário;

Às colegas de classe, pelos momentos de brincadeiras, amizade e apoio, em particular, a Isabel, que se tornou uma amiga de todas as horas e me incentivou, em momentos difíceis, a não desistir;

Aos amigos Vanúbia e Wagner, pelo apoio e por disponibilizarem sua casa, sempre que precisei, para realizar meu trabalho de conclusão de curso.

“A violência só pode ser vencida a par  
mudança do coração humano.”

Papa Francisco

## BULLYING NO CONTEXTO ESCOLAR

Maria Luiz de Lima<sup>1</sup>

### RESUMO

O presente artigo trata do fenômeno *bullying*, como uma prática de violência em que está inserido um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas, realizadas por um ou mais alunos contra outro(s) ou um(s) aluno(s) contra professor(es), o que causa dor, angústia e sofrimento. O objetivo geral é de conhecer o papel do pedagogo em relação ao *bullying* nos dias atuais. A metodologia utilizada foi o estudo bibliográfico de obras que tratam do tema investigado. Inicialmente, é apresentado o conceito de *bullying* e de violência. Em seguida, apresentam-se a classificação, os critérios e os estilos diferentes de *bullying*, além dos três personagens principais: agressor(es), vítima(s), testemunhas ou expectadores. Mostra-se a violência no ambiente escolar, com base em pesquisas que constata o fenômeno na escola, mas, nem sempre, é identificado pelos profissionais da educação. Na sequência, toca-se na questão central do trabalho -o papel do pedagogo em relação ao *bullying*- enfocando como esse profissional pode lidar com esse tipo de violência, que afeta as relações sociais e prejudica o processo de ensino e aprendizagem, e interferir nele. Conclui-se que, apesar de a violência sempre ter existido, ela se ampliou e se tornou mais sutil. Nesse sentido, é preciso esforço e comprometimento de todos os envolvidos para pensar em medidas de intervenção para que tais atos não se perpetuem na escola.

**Palavras-chave:** Bullying. Violência. Escola.

---

<sup>1</sup> Aluna do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba – Campus III. Email: maria.lyma@yahoo.com.br



## **BULLYING IN SCHOOL CONTEXT**

Maria Luiz de Lima

### **RESUME**

This article address the bullying phenomenon as a practice of violence, in which are inserted a set of aggressive, intentional, repetitive attitudes held by one or more students against another (s) or one (s) student (s) against teacher ( s) causing pain, anguish and suffering. It has the general objective to know the role of the teacher in relation to bullying today. The methodology used was the bibliographical study of works that deal with the theme investigated. Initially it presents the concept of bullying and violence. Then there is the classification criteria and different styles of bullying. Set up the three main characters: offender (s), victim (s), witnesses or spectators. It shows violence in the school environment, based on research which state the phenomenon in school, but not always identified by education professionals. As a result, it touches on the central question of this work, the role of the teacher in relation to bullying, focusing on how these professionals can interfere and deal with such violence that affects social relationships and undermines the process of teaching and learning. It concludes that, despite the violence always have existed, today it has expanded and become more subtle. In this sense, the effort and commitment of all those involved in thinking intervention measures so that such acts do not perpetuate in school is necessary.

**Keywords:** Bullying. Violence. School.

## SUMÁRIO

<b>Bullying: uma prática de violência.....</b>	<b>11</b>
<b>Classificações e critérios.....</b>	<b>13</b>
<b>Os personagens.....</b>	<b>14</b>
<b>Violência no ambiente escolar.....</b>	<b>16</b>
<b>O papel do pedagogo em relação ao <i>bullying</i>.....</b>	<b>18</b>
<b>Considerações.....</b>	<b>22</b>
<b>Referências bibliográficas:.....</b>	<b>24</b>

## 1. Bullying: uma prática de violência

As obras de Ivanoski, Kastelic, Tontini (2009), Silva e Souza (2013) tratam o fenômeno *bullying* como uma prática de violência. Nesse sentido, *bullying* é um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas, que ocorrem sem motivo evidente, adotado por um ou mais alunos contra outro(s), causando dor, angústia e sofrimento (FANTE, 2005, citado por SILVA e SOUZA, 2013).

Violência, segundo a Revista Radis (2010), é uma ação realizada por indivíduos, grupos, classes ou nações que ocasiona danos físicos, emocionais ou morais a si próprio ou a outros. Uma das características do *bullying* é a agressividade. Todavia, as agressões nem sempre são físicas, porquanto podem se manifestar de forma simbólica, em que o agressor cria situações desagradáveis contra a vítima fazendo piadas maldosas ou coisas do tipo. Com essa atitude, passa a intimidar, a agredir e a amedrontar, como intuito de ridicularizar o outro.

Nessa acepção, Fante (2005, p.190), citado por Damke e Gonçalves (2014, p. 1643), apresenta diversas ações caracterizadas como manifestações de *bullying*, a saber: intimidação, gozação, isolamento, insulto, ridicularização, assédio, apelido, racismo, entre várias outras atitudes.

Destaco, a seguir, os significados das ações que são frequentes no *bullying*:

Intimidação- s. f. ameaça; amedrontação;  
 Gozação-caçoada, zombaria, gracejo, ironia;  
 Isolamento- s. m. separação; segregação;  
 Insulto- s. m. injúria; afronta; ofensa;  
 Ridicularizar- v. t. por em ridículo; escarnecer; tornar ridículo; caçoar; zombar;  
 Assédio- s. m. cerco posto a um reduto para o tomar; sítio; (fig.) insistência impertinente com alguém, com perguntas, pretensões etc.;  
 Apelido- s. m. cognome ou sobrenome da família; alcunha; designação particular com conotação de qualidade ou defeito;  
 Racismo- s. m. teoria da pureza da raça ou da separação, segregacionismo (BUENO, 1996, p. 61-578).

Na obra, “O papel do pedagogo em relação ao *bullying* no interior da escola”, é afirmada a existência de inúmeras formas de violência, entre elas, destaca-se um tipo particular, a “violência simbólica<sup>2</sup>”. Bourdieu e Passeron argumentam que a escola não resolve os problemas sociais, mas os reforça quando reproduz internamente as relações de poder.

---

<sup>2</sup> Expressão elaborada por Bourdieu. Para saber mais, consultar o Dicionário Básico de Filosofia e as demais obras do referido autor nas referências.

Esses autores colocam em evidência a escola como agência de reprodução social e citam o problema da indisciplina, trazendo à baila a relação de violência contida na sociedade.

O ato de violência manifestado por meio da segregação ou do isolamento pode ser bullying. Quando alguém se sentir isolado ou separado e passar a agredir como forma de se defender, é a vítima que sofreu algum tipo de agressão e que transfere a indignação para outra pessoa, como forma de revidar a prática que sofreu. Além disso, determinado ato de agressividade se configura como prática de *bullying* quando ocorre de forma intencional, repetitiva e frequente e traz sérios problemas para crianças e adolescentes que, não raras vezes, deixam marcas profundas para a vida toda.

Em relação a isso, Lopes (2005, p. 169), citado por Damke e Gonçalves (2014, p.1641), “afirma que as crianças que sofrem o bullying estão mais propensas a sofrer danos à saúde, tais como: depressão, ansiedade, irritabilidade, agressividade, pânico, desmaios, insônia, estresse entre outros sintomas”.

Muito dos sintomas apresentados desenvolve na criança, no adolescente ou no adulto outros comportamentos diferentes dos habituais, que interferem nas relações interpessoais e seu desenvolvimento cognitivo. Na maioria dos casos, a vítima pertence a um grupo menor, que se destaca dos demais por questões diferenciadas, como aparência física, sexualidade, status social, timidez, entre outros.

Pesquisas registradas por Pinheiro (2006, p. 121), citado por Damke e Gonçalves (2014, p.1639), “evidenciam que muitas crianças estão sofrendo o bullying por meio de ataques ao seu gênero sexual, em brincadeiras maliciosas que as rotulam com características masculinas ou afeminadas, com o uso de termos como “gay”, “lésbica”, “sapatão” e “frutinha”, apelidos que têm a finalidade de agredir e destruir a moral do aluno frente ao grupo escolar” [Grifos do original].

Em relação à pesquisa mostrada por Pinheiro, essa questão é visível hoje, pois, uma vez ou outra, presenciamos algumas atitudes negativas e maliciosas que rotulam e que estão contribuindo para a criação de estereótipos em relação ao gênero sexual. No período do Estágio Supervisionado I, presenciei uma situação em que professora rotulou uma criança porque ela gostava de dançar músicas da banda Calypso<sup>3</sup>. Segundo a docente, a criança fazia gestos afeminados que se revelavam ao dançar e que, futuramente, poderia levá-la a ser um gay. Na fala da docente, encontramos um pensamento preconceituoso revelado. Ela mostra

---

<sup>3</sup> Ritmo diferente; mistura de vários ritmos de raízes paraense, como cumbia, merengue e carimbó.

que pode participar de atos que parecem simples brincadeiras, mas percebemos que existe um preconceito escondido por trás de sua fala.

## 2. Classificações e critérios

Lopes (2005, p.166), citado por Damke e Gonçalves (2014, p.1640), classifica o fenômeno bullying em três estilos, a saber:

Bullying direto- imposição de apelidos, assédios, agressões físicas, ameaças, roubos e ofensas verbais; bullying indireto- quando envolve atitudes de indiferença, isolamento e difamação e o cyberbullying- que ocorre através da intimidação eletrônica por celulares ou internet, em que utilizam mensagens e e-mails difamatórios, ameaçadores, assediadores e discriminatórios que provocam agressões entre os mesmos.

Esses três estilos diferentes, podem se apresentar de diferentes formas, direta ou indiretamente. A pessoa pode sofrer mais de uma forma de agressão que, de acordo com Silva (2010) citado por Souza e Silva (2013, p.74), envolve dimensões distintas, tais como: “verbalmente, fisicamente, psicologicamente, moralmente, sexualmente e virtualmente”. Nesse sentido, as dimensões tratadas pela autora poderiam ser colocadas em relação ao *bullying* direto e ao indireto da seguinte maneira: a princípio, verbal e fisicamente, que são as formas de agressão apresentadas no *bullying* direto; depois, psicologicamente, como as formas de excluir, isolar do grupo, humilhar a pessoa na frente dos amigos e perseguir. O que chamamos de *bullying* indireto. Além dessas, temos as dimensões sexual (ligadas às formas de abusar ou de assediar a vítima), moral e virtual(quando se utilizam os diversos meios eletrônicos para difamar, ameaçar, assediar etc.).

O pesquisador Dan Olweus, da Universidade de Bergen, Noruega, citado por Calhau (2011, p.07), estabeleceu alguns critérios básicos para identificar as condutas de bullying e diferenciá-las de outras formas de violência e das brincadeiras próprias da idade, cujos critérios são: “ações repetitivas contra a mesma vítima num período prolongado de tempo; desequilíbrio de poder, o que dificulta a defesa da vítima, e ausência de motivos que justifiquem os ataques”.

Ninguém deve ser julgado por sua aparência ou por gostar de algo diferente, afinal, existe a diversidade. Somos seres únicos e diferentes e temos a liberdade para escolher e

respeitar o outro, com suas qualidades e defeitos, assim como também somos. No *bullying*, essas diferenças passam a funcionar como uma espécie de possíveis possibilidades de ação, o que nos faz refletir sobre o preconceito com a diversidade existente em nossa sociedade. Por que não respeitar o outro como ele é?

O questionamento que deveria ser refletido como forma de repensar tanta violência de uns para com os outros deveria estar pautado no respeito ao próximo. Mas, infelizmente, a sociedade tem o poder de influenciar as atitudes dos indivíduos, comumente dotadas de indelicadeza, preconceito e agressividade. Sabe-se, porém, que a violência não é uma questão da atualidade. Ela é um fenômeno que faz parte das relações sociais, políticas e econômicas construídas ao longo da história. E como foi construída, culturalmente, muito tempo atrás, não pode ser tratada com normalidade, como uma questão sem importância, porque o respeito aos valores precisa ser preservado entre as relações interpessoais para que possa fluir uma boa convivência.

### 3. Os personagens

Especialistas no assunto chamam a atenção para três personagens principais no contexto do *bullying*: o agressor ou grupo de agressores, a(s) vítima(s) e a(s) testemunha(s) ou espectador/es. A dinâmica funciona mais ou menos da seguinte forma: o agressor ataca a vítima, que se submete, e o espectador não interfere na situação por medo de, no futuro, transformar-se em uma possível vítima ou de sofrer ameaças.

Destaco, a seguir, algumas características dos personagens envolvidos com a prática do *bullying*, conforme Neto (2005), citado por Silva e Souza (2013), e Fante (2005), citado por Damke e Gonçalves.

- O agressor ou grupo de agressores

Aparenta(m) gostar de aparecer e ser o centro das atenções. Por se sentir no comando da situação, acham que podem tudo, e agride(m) qualquer um. Muitas vezes, esses agentes têm a autoestima baixa. Ao cometer atos perverso, sentem-se mais poderosos, por impor sua vontade sobre o mais frágil. A agressividade é consequência de baixa autoestima e de baixo amor próprio, que podem passar despercebido por pais e educadores. Outra dificuldade de

combater essa prática é o fato de tanto os agressores quanto as vítimas não conseguirem abandonar seus respectivos papéis, ou seja, o agressor continua agredindo, e a vítima, submetendo-se às agressões.

- A (s) vítima (s)

As vítimas, normalmente, sentem-se inseguranças, seja por causa da baixa autoestima ou por outro motivo. Ela se retrai e passa a sofrer calada, o que dificulta descobrir a violência praticada. Uma pessoa que se destaca das demais por motivos variados, conforme Silva(2010), citado por Melo e Bodonni (2011),e apresenta algumas destas características: baixa estatura, gordinhos, magras ou altas demais, usam óculos, ou seja, alguma coisa que fuja do padrão imposto por determinado grupo geralmente é a vítima de *bullying*.

Calhau, em sua obra, “*Bullying: o que você precisa saber*”, publicada em 2011, faz um questionamento que serve como reflexão. Segundo o autor, a pergunta é: Por que as pessoas são perseguidas por serem “diferentes” ? [Grifos do autor]

Para responder, o autor (2011, p.4) afirma que a sociedade capitalista é individualista, e a felicidade se reduz a juntar dinheiro e a adquirir bens. Assim, mostra que a “ditadura do modismo impõe que nossas crianças e adolescente, sem nenhum limite, consumam cada vez e comprem objetos semelhantes (...) sem se importarem com a questão social.” O ter ficou mais importante do que o ser. As pessoas passam por cima das outras sem qualquer remorso para conseguir o que querem.

Pesquisas realizadas por Fante (2005), citado por Damke e Gonçalves (2014), classificam a vítima em: típica, provocadora e agressiva. O primeiro tipo é referente à vítima que sofre várias vezes a agressão e não consegue se impor, por ser tímida, insegura, submissa etc. Já a provocadora é aquela que, por ter uma personalidade forte, tenta revidar a agressão sofrida, buscando resolver o problema sozinho. A agressiva é a que sofre a violência e transfere a indignação em forma de agressão para pessoas mais frágeis. O sentimento de humilhação e de indignação é repassado como desejo de promover o sofrimento vivido para outras pessoas.

- Testemunhas ou expectadores

Segundo Calhau(2011), são expectadores passivos ou testemunhas silenciosas o grupo formado por pessoas que presenciam o fato, não concordam, mas ficam caladas com medo de

se tornar vítimas dos ataques. Se as agressões acontecem em um ambiente escolar, as crianças e os adolescentes não denunciam os fatos a seus pais, professores e supervisores, porque podem ser chamados de dedo duro ou coisa do tipo. Por isso o silêncio prevalece como forma de não sofrer represália dos agressores. Entre esses expectadores, existem os que assistem a toda a cena e se divertem com a situação, o que, de alguma forma, incentiva para que ocorra. Portanto, ao presenciar algum ato de violência, juntam-se para assistir à atuação do agressor e alimentam a prática.

#### **4. Violência no ambiente escolar**

As pesquisas que vêm sendo realizadas atualmente mostram o questionamento sobre a presença do fenômeno *bullying* no cotidiano escolar. Por ser comum nas escolas, e as vítimas serem crianças e adolescentes, não podemos esquecer que esse fenômeno existe em outros ambientes, como no trabalho, em casas religiosas, em academias, entre outros lugares. Calhau (2011) assevera que uma pesquisa da Universidade Federal do Paraná (UFPR) sobre os efeitos do *bullying* no ambiente escolar revelou que, de 245 crianças, cerca de 81 ou 33% declaram se sentir inseguras. O autor também cita uma pesquisa publicada pela ONG PLAN, no ano de 2010, que aponta a ocorrência do *bullying* em um clima generalizado de violência no ambiente escolar e que estudantes entrevistados responderam ter presenciado cenas de agressão entre colegas.

Os casos são vários, exibidos nos noticiários da televisão, que exalta a violência em ambiente escolar, que deveria promover um respeito mútuo entre os envolvidos com a educação. Nos anos 2013 e 2014, foram registrados dois casos. Um garoto de dez anos, residente na cidade de Gilbués, a 797 km de Teresina, foi agredido ao sair da escola. A família relatou que o menino já vinha sofrendo há mais de um ano. Além de ser agredido fisicamente com frequência, era submetido a outros tipos de violência, como apelidos e humilhações constantes, inclusive porque usava óculos.

O outro caso foi de uma jovem de 12 anos, residente na cidade de Piracicaba, estado de São Paulo, que apanhou na saída da escola. A menina relatou que os colegas, inicialmente, agrediam-na com palavras, chamando-a de gorda e cheia de estrias, até chegarem a agredi-la fisicamente.

A instituição de ensino é um espaço onde os valores vão sendo repassados de maneira a formar um ser humano crítico, responsável, consciente, que pode refletir sobre seus atos e



escolher entre ser violento ou respeitar os que vivem a sua volta. Parece-nos, no entanto, que hoje esses valores estão sendo banalizados e que atitudes como intimidar, agredir, amedrontar etc. intencionalmente têm sido adotadas como novos valores na sociedade.

Ruott (2007) *apud* Oliveira, Amaral e Hora(p.79) ressaltam que, entre “1950 e 1975, houve mudanças radicais nos padrões comportamentais observados no ambiente escolar: dos vandalismos contra o patrimônio, passaram a existir as violências contra pessoas, as brigas, as agressões e até o uso de armas de fogo”. Além disso, práticas de violência mais sutis atualmente são denominadas *bullying*.

Essa prática de violência na escola nem sempre é percebida pelos profissionais da educação como *bullying*. Eles, comumente, acreditam ser meras brincadeiras entre as crianças e adolescentes por desconhecerem a temática. E como diferenciar o *bullying* de simples brincadeiras? Calhau(2011)refere que, em primeiro lugar, deve prevalecer o bom senso na avaliação, porque não existem brincadeiras quando uma pessoa está sofrendo. Segundo o autor, o que deve ser evitado numa avaliação de situação ou não de *bullying* é a precipitação.

Dan Olweus (1970) estabeleceu critérios para diferenciar uma simples brincadeira da prática do *bullying*. Seguindo essa lógica, outros estudos determinaram aspectos presentes nas situações de *bullyinge* às vulgarmente associadas a aspectos ligados à indisciplina ou à violência escolar. São eles:

Conflito Normal	Bullying
- Os intervenientes explicam porque não estão de acordo, manifestando as suas razões.	- Intenção de fazer mal e falta de compaixão. O agressor encontra prazer em insultar, maltratar e dominar a sua vítima constantemente.
- A disputa é momentânea, não perdura no tempo.	- Intensidade e duração. A agressão não é pontual, prolonga-se por um longo período de tempo, até afetar gravemente a auto-estima do agredido.
- Desculpam-se e procuram soluções equilibradas, acordam um “empate”.	- A vulnerabilidade da vítima. E mais sensível a provocações do que os restantes colegas, não sabe defender-se adequadamente e tem características físicas e psicológicas que a predispõem à vitimação.
- Negoceiam para satisfazer as suas próprias necessidades.	- Falta de apoio. A criança sente-se só, abandonada e tem medo de contar o seu problema, pois teme represálias.
- São capazes de ultrapassar a questão e esquecer o assunto.	

O *bullying*, segundo Calhau, pode ocorrer tanto na direção horizontal (quando envolve pessoas de mesmo nível, como estudantes) quanto na direção vertical (quando envolve pessoas de níveis diferentes, como professores e alunos).

Em outra obra, autores divergem em relação à direção vertical citada por Calhau (2011), porque entendem que não faz sentido falar de *bullying* de alunos contra professores, uma vez que essa não é uma relação entre pares. Assim, concordam que o *bullying* tanto se configura entre professores quanto entre estudantes. Portanto, pode-se afirmar que não há um consenso em relação ao *bullying*.

Nas escolas, presenciamos inúmeras situações em que tanto alunos quanto professores podem se envolver. Esse fenômeno parece tão comum que não seria difícil presenciar a ocorrência de *bullying* envolvendo não só alunos, mas também professores e alunos.

## **5. O papel do pedagogo em relação ao *bullying***

O papel do pedagogo foi sendo construído através de desafios que vêm desde tempos passados até os dias atuais. Como sabemos, a violência é um fenômeno que faz parte das relações sociais, é histórica e está presente na sociedade desde épocas passadas. Trata-se de um tema polêmico, sobre o qual não há um consenso e, quase sempre, as opiniões a seu respeito divergem. A certeza que temos, na atualidade, é de que vem sendo disseminada na sociedade e representa um problema no espaço escolar. Porém esse não é um desafio somente para a escola, mas também para o pedagogo que lida com essa situação em sala de aula, e isso afeta as relações sociais e interfere no processo de ensino e aprendizagem.

O *bullying* é mais uma forma de violência que surge com um nome novo, mas que se configura com atos conhecidos e vivenciados pelos estudantes há muito tempo. Trata-se de uma violência psicológica e velada, que esconde marcas e não pode ser tratada com normalidade. Para que o pedagogo possa interferir diante de um caso de *bullying* e impedir que essa prática se perpetue na escola ou em sala de aula, é preciso conhecer o assunto: o que é *bullying*, suas causas, consequências e características. Buscar informação e orientação sobre esse problema é um importante caminho para agir contra tais atos.

A prática de *bullying* está bem arraigada e não será fácil lidar com esse problema em nosso meio, pois ele se apresenta disfarçado de uma simples brincadeira. Por essa razão, o profissional docente precisa estar atento a algumas situações em que a criança ou o adolescente é constrangido e humilhado em sala de aula, sobretudo porque não têm mecanismos psicológicos de defesa e estão em um processo de construção da personalidade,

sofrem com mais intensidade as agressões, portanto, precisam de mais proteção. Depois de diagnosticar o problema, verificar em que grau a situação se apresenta e começar um trabalho de conscientização com todos os envolvidos, ele precisa saber intervir na questão visando inibir a humilhação. Para isso, deve estimular na vítima o desejo de não calar e ter capacidade de se defender. Isso requer um diálogo permanente entre professores e alunos.

Afinal, quando se trata de problemas dentro da sala de aula, é indispensável falar sobre o papel do professor, que está presente em todas as situações, seja de conflitos ou não, ainda mais se esse problema interferir diretamente no desempenho escolar dos alunos. Por ser o professor um mediador e orientador, precisa repensar o seu verdadeiro papel, preocupando-se com questões internas à escola e tentando contribuir, de forma eficaz, para resolver problemas relativos à prática do *bullying*. Essa deve ser a nova postura do pedagogo.

Educar através de uma nova perspectiva partilhada entre a família, a escola e a sociedade, para combater comportamentos violentos dentro das escolas é uma questão primordial. E apesar de esse ser um compromisso de todos, não raras vezes, a responsabilidade só recai no profissional da educação.

Nesse cenário, o pedagogo foi assumindo diferentes funções. O trabalho que desempenha hoje vai além da simples tarefa de ministrar aulas. Precisa ter uma concepção de educação, ter compromisso com o que faz, respeitar as diferenças, ser reflexivo e dar sentido a essa reflexão como instrumento para melhorar sua profissão, como um organizador da aprendizagem, ter consciência e sensibilidade, numa visão emancipadora que transforme conhecimento em aprendizagem, formando pessoas para a vida. Ressalte-se que uma formação continuada será indispensável para preparar o profissional para agir diante dos problemas, num processo permanente na vida dos docentes.

Nessa nova perspectiva, em que a violência se apresenta de forma avassaladora e, muitas vezes, camuflada, como nos casos de *bullying*, compete ao pedagogo se comprometer e ser criativo ao diagnosticar o problema, criando alguns programas de intervenção e medidas que possam ser aplicadas em sala de aula ou na escola. Esses programas serão desenvolvidos de maneira que atenda a contento a realidade de cada escola.

Afinal não existem escolas homogêneas. Hoje, os estudos sobre *bullying* indicam que é preciso prevenir uma prática de violência, que se expressa com grandes proporções e vem causando sofrimento às vítimas e perpetuando mais violência na sociedade. É necessário reconhecer que a responsabilidade de prevenir e de combater o *bullying* não é apenas dos educadores. Eles têm papel fundamental de fazer com que tal violência não faça parte do ambiente escolar. Porém essa responsabilidade deve ser partilhada entre a escola, a sociedade,

a família e o Estado. Para isso, devem-se criar estratégias de prevenção de forma eficiente e permanente e conscientizar-se de que a escola é um espaço de todos, um meio de formar o cidadão com seus direitos e deveres preservados, em um clima de respeito mútuo, com possibilidades de diálogo ao invés de ofensas, que geram mais violência.

Uma alternativa para reduzir e impedir essa violência social provocada pelo bullying é mobilizar a escola de modo que haja um esforço e o comprometimento de professores, alunos, pais e comunidade. Assim, a escola poderá ser um local agradável, aconchegante e familiar, capaz de formar cidadãos que respeitem as diferenças e os valores individuais. Outro aspecto a ser considerado é que não existe uma valorização social e financeira dos professores. Até são pensadas algumas melhorias, mas, muitas vezes, elas não saem do papel ou são passageiras e não permanentes. São algumas das dificuldades enfrentadas pelos professores. Além disso, cotidianamente se deparam com turmas de crianças e jovens sem limites, desinteressados em aprender. Some-se a isso a fato de trabalhar em escolas precárias, que não oferecem meios para realizar o seu trabalho.

Nesse novo cenário, a escola enfrenta desafios, e mais funções são destinadas aos professores, que ficam sobrecarregados com a missão de resolver os problemas sozinhos. Exige-se cada vez mais desses profissionais, sem lhes proporcionar melhores condições de trabalho. Ser professor, hoje, é cada vez mais difícil, e com o aumento da violência na sociedade, o *bullying* é mais um problema que, nem sempre, é identificado pelos profissionais, por se apresentar de forma velada e sutil.

Comportamentos agressivos entre estudantes é uma questão preocupante e atual, que vem sendo investigada por diversos pesquisadores e que não se restringem a um tipo ou nível de ensino específico ou de instituição, porquanto podem ocorrer em escolas públicas, privadas, rurais ou urbanas. Por ser um tema pouco discutido, o *bullying* é mais comum do que imaginamos e está presente no interior da escola seja de forma direta ou indireta. Portanto, deve-se esclarecer que, apesar dos estudos que vêm sendo realizados a respeito do tema, não é uma tarefa fácil investigar o *bullying*, visto que muitas pessoas desconhecem o problema. Um dos primeiros passos para superar essa situação é conscientizar os envolvidos, fazendo um trabalho de esclarecimento que envolva palestras, campanhas, cartilhas informativas etc.

Diante de tantos problemas e conflitos, é o professor que recebe toda a responsabilidade pela situação. Infelizmente, constatamos que muitos dos pais inserem seus filhos nas escolas e não procuram sequer saber sobre como se comportam. São o professor e os demais funcionários da escola que têm que resolver o problema da violência. Parece não

existir uma conscientização de que esse trabalho se faz em conjunto com pais, estudantes, professores e demais funcionários. Afinal, os primeiros valores são repassados através da família, que deverá ter consciência da importância da sua presença na educação. No entanto, não devemos esquecer de que inúmeros casos de violência contra crianças e adolescentes ocorrem dentro de sua própria casa, por parte de pais ou responsáveis. Além do mais, a criança é espelho do adulto em seus atos. Ao presenciar ou sofrer agressão, ela e o adolescente, de certa forma, são estimulados a usar a violência para impor sua vontade e conseguir o que desejam e passam a agir da mesma forma, porque acham que estão corretos devido aos valores repassados na base familiar deficitária, sem laços de afetividade. Assim, reproduzem a violência e, conseqüentemente, a prática do *bullying*.

## Considerações

O estudo sobre o fenômeno *bullying*, presente na sociedade atual, mostrou a concepção relacionada à violência social e sua expressão no interior da escola, que ocorre de forma intencional, repetitiva e frequente e interfere nas relações sociais e no desenvolvimento cognitivo dos alunos. Independentemente de nível escolar, localidade (zona urbana e rural) e tipo de instituição (pública ou privada), o *bullying* afeta o psicológico e pode interferir no processo ensino-aprendizagem.

Constata-se que, hoje, de forma mais presente, a falta de respeito ao próximo, numa sociedade que influencia atitudes de indelicadeza e de agressividade, gera a violência de uns contra os outros. Essa questão tem raízes históricas e não deve ser tratada com normalidade. Os estudos também revelam que pessoas são perseguidas por ser diferentes. A não aceitação do outro pode ser o elo explicativo para a prática de violência e instauração do *bullying*.

Considerando essas questões, é necessário que sejam pensadas algumas medidas para prevenir e combater esses comportamentos entre os estudantes. Nesse sentido, a intervenção dos profissionais da educação é imprescindível. O pedagogo tem um papel interessante em relação à questão do preconceito e à diversidade e precisa exercê-lo. No entanto, os professores sem valorização social se tornam os principais autores para resolver os problemas advindos do *bullying* escolar. Sozinho, esse profissional, que, nem sempre, é apoiado por outros membros da escola, é responsabilizado pela educação de crianças e jovens.

Esse parece ser um empecilho na superação da violência escolar e do *bullying*. Verificamos que não há conscientização por meio de um trabalho eficaz, construído e realizado em conjunto através da articulação dos professores e dos pais. Estes últimos sequer percebem que seus filhos podem ser agressores ou vítimas de algum tipo de *bullying*, pois o tema é pouco conhecido e frequentemente identificado como simples brincadeiras. Além disso, as vítimas dessa forma de violência costumam se calar, o que dificulta ainda mais identificá-lo.

Portanto, afirmamos que é preciso trabalhar com os alunos, os pais, a sociedade e demais funcionários a respeito das consequências desse tipo de violência. É fundamental compreender que, para reduzir e impedir esse tipo de violência, é preciso esclarecer e mobilizar a escola, criar estratégias de ação, num esforço e comprometimento de todos os envolvidos - professores, alunos, pais e comunidade na perspectiva de conceber a escola como um local seguro e agradável, onde o aluno pode se socializar, e as semelhanças e as diferenças entre os indivíduos sejam respeitadas, a fim de possibilitar um processo de ensino e

aprendizagem que possa tornar o ser humano crítico, autônomo, com seus direitos e deveres preservados. Essa é a meta a ser buscada nos dias atuais.

### Referências bibliográficas:

- BOUDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz 3 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A, 1989. In: IVANOSK, Nicole; KASTELIC, Eloá soares Dutra; TONTINI, Lidiane. **O papel do pedagogo em relação ao bullying no interior da escola**. In Anais da 7ª Semana Acadêmica de Pedagogia e a da IV Jornada Pedagógica, 2009, Foz do Iguaçu. Capitalismo, crises cíclicas e educação no Brasil: enfoques contemporâneos. Foz do Iguaçu: 19-24 de outubro de 2009.
- BUENO, Francisco da Silveira. **Minidicionário da língua portuguesa**; ed. Ver. e atual. São Paulo:FTD/Lisa, 1996. p. 61-578
- CALHAU, Lélío Braga. **Bullying: O que você precisa saber: Identificação, Prevenção e Repressão**. 3. ed. Niterói, RJ: Impetus, 2011. 160. p. 03 - 137
- DAMKE, Anderléia Sotoriva; GONÇALVES, Josiane Peres. **A concepção de Bullying: Expressões de violência no ambiente escolar**. 2014. p. 1638- 1648.
- DOMINGUEZ, Bruno e MACHADO, Kátia. **Violência**. Revista Radis, Rio de Janeiro, Abr. 2010. n 92, p. 10-15.
- FANTE, Cléo. **Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. Campinas: Verus, 2005. In: SILVA, Edilaine Aparecida; SOUZA, Isabela Augusta Andrade. **Bullying escolar: aproximações de uma realidade de alunos de 5º e 6º anos**. Revista Eventos Pedagógicos, mar.- jul, 2013, v. 4, n. 1. p. 72-79.
- IVANOSK, Nicole; KASTELIK, Eloá Soares Dutra; TONTINI, Lidiane. **O papel do pedagogo em relação ao bullying no interior da escola**. In Anais da 7ª semana Acadêmica de Pedagogia e a da 4ªJornada Pedagógica, 2009, Foz do Iguaçu. Capitalismo, crises cíclicas e educação no Brasil: enfoques contemporâneos. Foz do Iguaçu: 19 a 24 de outubro de 2009.p. 02-07
- LOPES, Neto A. A., **Bullying: comportamento agressivo entre estudantes**. Jornal Pediatria. Rio de Janeiro, 2005. In: DAMKE, Anderléia Sotoriva; GONÇALVES, Josiane Peres. **A concepção de bullying: expressões de violência no ambiente escolar**. Sl. 2014. p. 1638-1648.
- MELO, Vanuza Correia; BODONI, Patricia Soares Baltazar. **Descrivendo o evento comportamental. Bullying: Contribuição de professores, pais e alunos**. Anuário da produção de iniciação científica discente. Vol. 14, Nº 25, 2011.
- OLIVEIRA, Larissa Braga; OLIVEIRA, Monica Nins; AMARAL, Sandra Regina; HORA, Viviane Souza. **Comportamentos violentos na escola**. P. 79-86.
- OLWEUS, Dan. **Conductas de acoso y amenaza entre escolares**. 3 ed. Madrid: Morata, 2006 . In CALHAU, Lélío Braga. **Bullying - o que você precisa saber: identificação, prevenção e repressão**. 3. ed.- Niterói, RJ: Impetus, 2011. 160 p.



PINHEIRO, Paul. **World reporto n violence against children**. New york- United Nations. 2006. In: DAMKE, Anderléia Sotoriva; GONÇALVES, Josiane Peres. **A concepção de Bullying: expressões de violência no ambiente escolar**. 2014. p. 1638- 1648.

Revista Radis,**Comunicação em Saúde**, Rio de Janeiro, nº. 92, abr.2010. p. 4-23.

RUOTTI, Caren (etall). **Violência na escola: um guia para pais e professores**. São Paulo: Andhep: Imprensa oficial do estado de São Paulo,2007. In: OLIVEIRA, Larissa Braga; OLIVEIRA, Mônica Nins; AMARAL, Sandra Regina; HORA, Viviane Souza. **Comportamentos violentos na escola**. p. 79-86.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Bullying: mentes perigosas na escola**. Rio de Janeiro: Fontanar, 2010. In: SILVA, Edilaine Aparecida.; SOUZA, Isabela Augusta Andrade. **Bullying escolar: aproximações de uma realidade de alunos de 5º e 6º anos**. Revista **Eventos pedagógicos**, mar.- jul. 2013, v. 4, nº.1, p. 72-79.

SILVA, Edilaine Aparecida; SOUZA, Isabela Augusta Andrade. **Bullying escolar: aproximações de uma realidade de alunos de 5º e 6º anos**. Revista **Eventos pedagógicos**, mar. jul. 2013, v. 4, nº. 1, p. 72-79.